

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
COORDENAÇÃO DE POS-GRADUAÇÃO

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CICLO BÁSICO NA ESCOLA DE PERIFERIA

MARIA TERESA VILLAS BOAS

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar

CAMPINAS - 1990



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CICLO BÁSICO NA ESCOLA DE PERIFERIA

MARIA TERESA VILLAS BOAS

Orientadora: HELOISA TURINI BRUHNS

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Física Escolar

CAMPINAS - 1990

INDICE

I - INTRODUÇÃO.....	3
1 - A educação física e a escola no contexto sócio-político-educacional.....	5
2 - Formação do Profissional: do professor ideal ao professor real em educação física.....	10
3 - A realidade cultural das classes populares e sua relação com a educação física no ciclo básico.....	15
3.1 - Pré conceito.....	15
3.2 - A indisciplina.....	16
3.3 - Uma breve definição sobre o que é educar..	17
3.4 - A cultura das classes populares e a educação física no ciclo básico.....	18
II - CONCLUSÃO.....	24
III - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

I - INTRODUÇÃO

A educação física, depois de muito tempo de luta conseguiu ser introduzida para crianças da escola pública do Estado de São Paulo, em fase de alfabetização, através da implantação do "Ciclo Básico " em 1988. Este consiste numa jornada de seis horas por dia ou trinta semanais onde a criança terá contato permanente com uma professora e duas vezes por semana uma aula de cinquenta minutos de educação física e outras duas vezes por semana uma aula de cinquenta minutos de educação artística. A idéia da proposta é que a criança conclua a primeira fase de alfabetização (10ª série) e passe automaticamente para a segunda fase no prazo máximo de um ano, evitando assim o grande número de repetência que costumava ocorrer e conseqüente evasão escolar (Secretaria da Educação, 1988). Com esse novo sistema, a educação física ganhou um espaço, ainda que pequeno, no processo de alfabetização.

A idéia deste trabalho com o Ciclo Básico, surgiu a partir da observação e conversação com alguns professores de educação física das escolas de periferia da região de Campinas e Sumaré, que apresentavam grandes dificuldades em trabalhar com essa clientela. Problemas como: más condições das escolas, falta de espaço físico, grande número de crianças por turma (40 a 44 alunos), falta de preparo profissional para trabalhar com alunos de faixa etária pequena (7 e 8 anos) e problemática (pais alcoolátras, ausentes, falta de alimentação espaço físico em casa e outros).

CARMO (1985) reintera esta observação afirmando:

"É geral a insatisfação com a ação pedagógica da educação física. Salvo raríssimas exceções a grande maioria dos professores não consegue entender o caos em que está a educação física ."(p. 32)

O mesmo autor propõe soluções como a revisão da escola, dos professores, dos conteúdos em termos de coerência, complexidade e outros "no âmbito de uma visão histórico cultural de classes", (p.32)

Neste sentido, este trabalho buscará caminhos para possíveis soluções dos fatos citados anteriormente através da visão geral da escola e da educação física num contexto sócio-político-educacional pois vários dos problemas enfrentados pelos professores tem sua origem nessa relação fazendo-se importante uma tomada de consciência. Num segundo momento do trabalho será analisada a formação do profissional por entendermos que parte

dos problemas se encontram nesse ponto, buscando detectar algumas dessas falhas.

E finalmente num terceiro momento, direcionaremos ao encontro de possíveis soluções dentro do que foi analisado anteriormente . A proposta terá como base a introdução da cultura das classes populares nas aulas de educação física, através do aproveitamento de jogos, danças, brincadeiras.

Com a perspectiva de trazer contribuições, ainda, que pequenas, esta monografia é o primeiro passo para estudos mais específicos posteriormente.

1 - A educação física e a escola no contexto sócio-político educacional brasileiro

De maneira geral, este tópico procurará enfocar o contexto amplo no qual a educação física e a escola estão inseridos, pois segundo a observação da realidade e a afirmação de vários autores, estão de tal maneira interligados que não poderiam ser desconsiderados neste trabalho. A própria proposta curricular de

educação física, que desde 1986 vigora no Estado de São Paulo chama atenção para o aspecto social, quando na sua introdução mostra uma preocupação, diferente das propostas anteriores em "alertar professores para o compromisso que a educação física deve ter com o sistema de ensino e com a sociedade de um modo geral."(p.3)

Relacionando a educação física num contexto mais amplo LAGO et alli (citado in OLIVEIRA et alli, 1988), afirma que em países desenvolvidos a educação física e o progresso sócio-econômico avançam juntos e em ligação íntima. No caso do Brasil, que é um país subdesenvolvido a relação entre educação e contexto sócio-econômico também se perpetua, só que diferentemente dos países desenvolvidos. Assim como boa parte da população vive em cortiços(39% segundo Gomes, 1987) e favelas em condições as mais precárias, a educação para essa população não foge as regras quando observada a realidade. As escolas públicas das periferias das cidades estão saturadas de alunos (pelo menos no início do ano antes da evasão escolar); há pouco espaço físico (como nos cortiços e favelas), os alunos apresentam os mais variados problemas, professores estão despreparados, há falta de água, luz, de limpeza, de material didático e outros. Então passa a ter sentido a conclusão dos estudos da Secretaria de Educação especificamente Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (1988) que a escola tem sido uma grande produtora de fracassos ou uma grande perpetuadora das diferenças e desigualdades (NIDELCOFF,1978).pois não passa de um reflexo do próprio contexto no qual está inserida. A mesma autora cita as escolas de

periferia da Argentina que, a meu ver, assemelham-se muito as do Brasil: não oferecem condições iguais quando comparada às escolas dos filhos de classes mais abastadas; no conteúdo das aulas e livros didáticos predomina a realidade das classes mais privilegiadas, sendo totalmente desconsiderada a vida das populações menos favorecidas a quem o ensino está sendo destinado. Além do mais, continua a autora, a leitura, a escrita, enfim a vida escolar como um todo é totalmente estranha para essa população mais pobre. Tudo isso só vem a reforçar a desigualdade escolar mencionada anteriormente e permitir a permanência da estrutura social estável.

Sobre o papel a ser desempenhado pela escola, FERREIRA (1984) questiona até que ponto esta não está apenas formando pessoas para servirem a sociedade passivamente e não para transformá-la. Vindo de encontro com esta pergunta, FREITAS (1987) afirma que a educação e portanto a escola agem como agentes reprodutores de idéias e através da repetição de condutas pedagógicas buscam adaptar o aprendiz ao meio social de maneira acrítica e irrefletida. O mesmo autor vai mais fundo na sua reflexão levantando a questão dos profissionais:

" Se o profissional não possui os conhecimentos nas (áreas políticas, econômicas, filosóficas, antropológicas, científicas, etc.) que o capacita para refletir e avaliar sua ação pedagógica, ele não será capaz de tentar resolver os problemas sociais, gerados no seio da

sociedade de classes. Terá uma visão pobre e acrítica de mundo em que vive. Estará no mundo e não com o mundo e será um mero transmissor do arbitrário cultural". p.10

A questão da formação do profissional será discutida mais amplamente no capítulo II, porém cabe ressaltar aqui que a atuação do educador pode tanto levar o educando a submissão ou a reflexão e pequenas mudanças dos acontecimentos. NIDELCOFF (1978) afirma que, apesar de necessidades de mudanças no contexto geral e na escola, o modo de agir dos professores, o entrosamento com as crianças, o vínculo criado com seus pais, o conteúdo e a maneira de conduzi-lo podem ser instrumentos de pequenas transformações. Nessa realidade escolar, GADOTTI (citado in OLIVEIRA, 1988) vem de encontro com esta afirmação fazendo uma relação da educação com transformação social onde a primeira (educação) não é determinante da segunda (transformação) porém a segunda não se consolidará sem a primeira. Ainda sobre mudança na educação, FREITAS (1985) enfatiza que, apesar da educação ter um caminho já determinado, de tal modo que deva manter a estrutura social da maneira como foi traçada pela classe dominante ainda assim, involuntariamente, ela permite o:

"surgimento de dialéticas intrínsecas que podem levar a redefinição e reformulação de programas governamentais repercutindo igualmente e de forma não programável entre professores, diretores, pais, orientadores e

alunos, que acaba fazendo da educação um instrumento emancipatório." (p.8)

Partindo especificamente para a análise da educação física no contexto sócio-político-econômico, FERREIRA (1984) afirma, baseada na sua pesquisa, que esta reflete a "ideologia educacional do sistema" (p.23) ou seja, no caso da escola reflete o esporte espetáculo passando o professor a ser apenas um disciplinador que só analisa nos seus alunos o produto, desconsiderando seu processo de crescimento. CARMO (1983) compartilha da mesma idéia afirmando que da maneira como a educação física vem sendo desenvolvida na escola, tem colaborado com o individualismo, pois os conteúdos desenvolvidos se encontram fora do desejo e realidade dos alunos além de visarem a competição a todo custo. Seguindo esse pensamento o autor afirma:

"Na prática da educação física a nível de primeiro, segundo e terceiro graus, a realidade mostra uma atividade sem continuidade, sem articulação, sem unidade, sem pesquisa e consequentemente sem consistência no ensino pois o ensino consistente que se pretende atingir é fruto da pesquisa, da busca, da descoberta, da relação com a realidade". (p.28)

Um primeiro passo para a modificação dessa realidade, segundo o mesmo autor, é o educador tomar consciência do porque de determinados objetivos, como atingi-los e a quem estará servindo. Novamente emerge um problema relacionado de certa forma

com a formação do profissional, que será discutido logo adiante. Portanto, através de uma análise, ainda que de maneira geral, procurou-se situar a educação física dentro de um contexto sócio-político-econômico-educacional. No decorrer deste trabalho, apesar do assunto se tornar mais específico sempre se considerará que pequenas mudanças são sempre possíveis, não se perdendo de visão a colocação levantada nos estudos sobre a concepção do trabalho pedagógico (Secretaria da Educação, 1988):

"A democratização do ensino é antes de tudo um problema político e a sua concretização está diretamente relacionada às formas como se dão as relações de produção, apropriação e distribuição de riquezas geradas pelo trabalho. Para que todas crianças e jovens possam usufruir integralmente os benefícios da educação é preciso que ocorram mudanças estruturais na sociedade brasileira que venham a alterar a qualidade de vida da população." (p.4)

2 - Formação do profissional: do professor ideal ao professor real em educação física

Partindo de uma visão geral da escola e da educação física no contexto sócio-político-educacional, seguimos na busca de uma melhor compreensão de como se dá a formação do profissional de educação física. Com a perspectiva de chegarmos, num último

momento deste trabalho, na educação física para o ciclo básico, observamos segundo BRASIL (citado in OLIVEIRA et alli, 1988) que, na formação do professor de desta disciplina pouco se discute a respeito de sua atuação até a quarta série do primeiro grau realçando apenas da quinta série do primeiro grau em diante.

Segundo BETTI (citado em OLIVEIRA et alli, 1988) nos cursos superiores de educação física há uma ênfase deliberada no esporte buscando-se aprimorar técnicas, táticas, rendimentos assemelhando-se a formação de um atleta. Porém, quando esse jovem professor chega as escolas públicas, principalmente as de primeira a quarta série do primeiro grau, esse conhecimento é incompatível com a sua clientela. A escola e as crianças não oferecem condições físicas nem materiais para a incorporação desse conhecimento, além do que não é disso que necessitam. Acaba ocorrendo que ou o professor não faz nada por falta de condições ou privilegia um grupo de alunos que tem mais habilidades marginalizando os demais.

De acordo com COELHO (citado in MUNARO, 1985) o professor de educação física, na sua vida acadêmica, deve transcender o conhecimento formal buscando relacioná-lo com os problemas sócio-culturais-regionais.

SAVIANI e UNESCO (citados in OLIVEIRA et alli, 1988) vêm de encontro com esta idéia, defendendo uma formação generalizada em educação que desse recursos ao educador para refletir questões fora do âmbito de sua área específica. Para COELHO (citado in MUNARO, 1985) o professor universitário se preocupa em ensinar uma quantidade grande de técnicas e sequências pedagógicas,

deixando falho o aspecto político da educação. Em relação ao processo ensino-aprendizagem, ARAGÃO e CARMO (citado in OLIVEIRA et alii, 1988) afirmam que muitas das dificuldades que surgem na prática da educação física são devidos a falhas na formação profissional:

"A baixa solicitação durante os cursos de licenciatura das categorias intelectuais de conhecimento e síntese impedem que o aluno utilize informações recebidas, trabalhe com elaborações pessoais, efetue análises, capacite-se a lidar com situações, detecte e resolva problemas atinentes à área e posicione-se criticamente. Assim, quando no exercício profissional, restringe-se a reprodução do que obteve a nível de informações sem autonomia e de forma acrítica". (p.48)

CARMO (1985), em sua pesquisa "Educação física crítica de uma formação acrítica" constata, dentre outras coisas, na sua conclusão, que, como se encontram atualmente os cursos superiores de educação física, estes continuarão a seguir o seu caminho conforme as solicitações do sistema capitalista, já que não levam os alunos a refletirem, criticarem, analisarem os fatos da sua realidade na qual esses elementos formam um todo.

Num encontro direto com os profissionais atuantes nas escolas de primeiro grau, FERREIRA (1984) desenvolveu uma pesquisa denominada "Prática da educação física no primeiro grau: modelo

de reprodução ou perspectiva de transformação", onde buscou analisar como está sendo a prática da educação física no primeiro grau em determinadas escolas. A autora define duas tendências:

- Modelo de reprodução:

"Modelo de reprodução em educação física é caracterizado pela atitude acrítica, tanto da realidade interna, constituída pelas experiências que o aluno adquire, quanto das condições econômicas, sociais e culturais que constituem a realidade externa." (p.43)

- Perspectiva de transformação:

"Caracteriza-se pela atitude de reflexão da realidade modificando a percepção que o indivíduo tem de suas experiências e do mundo que o cerca..."(p.53).

Na análise dos dados a autora concluiu que, nas escolas pesquisadas, os professores de educação física no o primeiro grau, demonstram tendências a agir segundo perspectivas de reprodução apesar de teoricamente pensarem sob perspectiva de transformação. Alguns pontos observados que demonstram perspectiva de reprodução foram quanto ao descaso do professor com os alunos "menos dotados", uniformizando o conhecimento sem considerar as diferenças culturais ou, apesar de não ficarem presos aos conteúdos dos esportes, ainda assim, enfatizam a disciplina, metodologia diretiva entre outras características observadas.

Outras duas pesquisas interessantes relacionadas com a formação e atuação do profissional são apresentadas por MUNARO (1985/1986). A primeira pesquisa (1985) busca detectar, a partir de uma metodologia específica, as características do perfil de profissional ideal em educação física. Na segunda pesquisa (1986), utiliza-se das características levantadas na primeira pesquisa visando levantar o perfil do profissional real que atua nas escolas de primeiro e segundo grau. A conclusão final da autora é que há diferenças marcantes entre o perfil ideal e real. De um modo geral há deficiências na formação pedagógica, política, na produção de pesquisas entre outras, originando um profissional "apolítico, acrítico, sem possibilidades de inovar, sem coragem de transformar dentro de seu trabalho cotidiano" (MUNARO, 1986, p.90).

Portanto, partindo da visão de alguns autores e pesquisas percebe-se que a formação do profissional em educação física e a sua atuação estão distanciados. Em particular há defasagem na formação política, crítica, pedagógica e outras interferindo na sua atuação prática.

Como última parte deste trabalho procurar-se-á discutir uma proposta de educação física para o primeiro e segundo ano do primeiro grau (ciclo básico) com perspectivas transformadoras procurando adequá-la às condições reais da escola e dos alunos.

3 -A realidade cultural das classes populares e a sua relação com a educação física no ciclo básico.

Nos tópicos anteriores procurou-se analisar a escola, a educação física e a formação do profissional, para então ter-se condições de entender as dificuldades que surgem, nas classes populares em fase de alfabetização, e buscar possíveis soluções.

3.1 - Pré Conceito

Segundo FREITAS (1985), em uma pesquisa feita numa favela em São Paulo, onde havia ausência de escolas ou de qualquer programa assistencialista, constatou que as crianças " encontravam-se defasadas em seu desenvolvimento cognitivo, moral e linguístico por mais de quatro anos(na média)" p.13. Por outro lado, em crianças faveladas escolarizadas a autora observou um desenvolvimento cognitivo normal equivalente a de uma criança de classe superior. Portanto, a escola é fundamental e qualquer criança tem condições de acompanhá-la, particularmente as das camadas mais baixas da população. O que acontece na prática é que a população de baixa renda já é "taxada" como incapaz de aprender. Uma pesquisa realizada pela Secretaria da Educação (1988) mostra que 70% dos professores acreditam que o principal motivo da não aprendizagem na escola de periferia é a carência dos alunos, e apresentam como possíveis soluções, propostas paternalistas ligadas aos aspectos afetivos e alimentares não buscando soluções pedagógicas para o problema.

Um fato interessante é mostrado por LEAL (s/d), quando relata sua experiência em classe de alfabetização, na favela da Rocinha no Rio de Janeiro. O autor considera que, apesar de toda a precariedade de condições físicas e materiais, falta de referencial familiar, as crianças, no seu meio comunitário, não são vistas como "deficientes", "carentes", "marginais" (aspas do autor), sendo esses "adjetivos" idealizados pela classe dominante. O autor justifica:

"E que o sistema precisa criar uma ideologia da marginalidade para justificar as leis ou suas injustiças e seu aparato militar. Precisamos primeiro dizer que as pessoas são marginais para depois podermos tratá-las com cassetetes" p.28.

Portanto, para educadores que vão trabalhar com populações de baixa renda, um aspecto importante para se levar em consideração é de deixar de justificar o fracasso das aulas por características próprias de população, e tentar mudar a sua atuação, aproveitando os conhecimentos trazidos pelos alunos

3.2 A indisciplina

Um problema comum levantado por vários professores é que os alunos são muito indisciplinados e é por isso que não aprendem. BRANDÃO (1986) na "Turma de trás" (título do texto) descreve sua vida escolar se encaixando entre os da "turma do fundo" ou bagunceiros. Esse alunos, pela falta de interesse na aula dada,

criavam seus próprios códigos, critérios de convivência em grupo, jogos que, se pudessem ser aproveitados pelo professor poderiam ter um bom valor pedagógico. No entanto, pelo seu comportamento já são considerados indisciplinados e não se busca entender o porque dessa indisciplina e como tirar proveito dela. Em algumas aulas de educação física para o ciclo básico nota-se uma situação semelhante: o professor coloca os alunos em fila (é mais fácil de "controlar" e também de sufocar a capacidade dos alunos de se organizarem sozinhos), ensina a atividade e de repente vê que algumas crianças vão saindo de lado e acabam inventando um outro jogo (com certeza mais interessante). A aula então planejada fica toda desestruturada. MARCELLINO (1986) dá uma explicação para esse fato, dizendo que a indisciplina geralmente é uma resposta dos alunos a um jogo desinteressante onde não participam da sua elaboração, da criação das regras ou mesmo nem as entendem.

Portanto, um outro fato para a observação do professor de educação física no ciclo básico, é até que ponto os seus objetivos (se é que bem definidos) não estão sendo atingidos porque os meios utilizados não são condizentes e interessantes para a sua clientela.

3.3 Uma breve definição sobre o que é educar.

É interessante quando se discute sobre escola, alunos, estratégias de aulas, ter claro o que seja educar. GADOTTI (citado in OLIVEIRA etti ali 1988) acredita que "...educar passa a ser essencialmente conscientizar ...sobre a realidade social e

individual do educando. Formar a consciência crítica de si e da sociedade". Para MARCELLINO(1986), NOVASKI(1986), FREIRE (1989) e outros, educar é um processo em que o professor e o aluno têm contribuições a dar, e não só uma das partes detém o conhecimento.

A proposta a ser apresentada neste trabalho, para as aulas de educação física no ciclo básico levará em consideração as citações acima ou seja: saber aproveitar o conhecimento que o aluno adquiriu no seu dia-a-dia e a partir dele introduzir problemas novos, buscando sempre refletir sobre a atividade desenvolvida, e outros fatores que estiverem ligados a ela.

3.4 A cultura das classes populares e a educação física no ciclo básico

Gostaria de começar este item com um pensamento do antropólogo RALPH LINTHON (citado em MORAIS 1986) onde este afirma que o homem despreza tanto o seu dia-a-dia que se ele vivesse no meio das águas, a última coisa que descobriria seria a essência da própria água. Fazendo uma analogia com as crianças de baixa renda que ingressam na escola, o que elas mais sabem segundo FREIRE (1989), LEAL (s/d) e a experiência na prática, é se movimentarem, brincarem e, no entanto, a escola despreza essa riqueza de conhecimento trazida pela criança de classes populares. Uma observação interessante refere-se a capacidade e rapidez das crianças, em suas brincadeiras, de se organizarem (melhor do que quando são colocadas em fila pelo professor).

Notam-se dois problemas quanto a cultura trazida por crianças de classe populares:

"Uma criança pobre, no sentido material do termo, pode ser portadora de uma cultura rica, mas talvez os mecanismos para superação dessa condição de vida estejam em parte retidos na bagagem cultural a qual ela não tem acesso. Como fazer uma criança ter possibilidade de aprender o conhecimento das pessoas de classes sociais diferente da sua sem que precise renunciar a própria linguagem e cultura. (Secretaria da Educação, 1986, p. 3)

Um segundo problema é quanto a influência marcante dos meios de comunicação, principalmente o rádio e televisão na cultura das classes populares. Para essa classe são produzidos programas totalmente desvinculados da sua cultura possuindo caráter alienante como fotonovelas, certos programas de rádio e TV (tipo Silvio Santos, Xuxa e outros) (NIDELCOFF, 1978).

Diante desses dois problemas levantados, o professor de educação física para ciclo básico de classes populares, deve então buscar conhecer e resgatar a essência da cultura do local onde trabalha e através dela dar meios para se conhecer, de maneira consciente, outras culturas. Um outro ponto é saber utilizar o que a criança aprendeu através dos meios de comunicação de maneira produtiva, visando despertar a consciência crítica para esse fator tão presente na vida cotidiana.

A idéia de se utilizar os conhecimentos que a criança traz de casa (no nosso caso nas aulas de educação física), já tem respaldo de vários autores e na atuação de alguns professores. FREIRE (1989) sugere que, num certo momento, os jogos trazidos pelas crianças sejam brincados na sua forma original e paulatinamente ir se propondo modificações para que ocorram novas aprendizagens e os objetivos previstos sejam atingidos.

Sobre o valor pedagógico da brincadeira, a conclusão dos estudos da Secretaria de Educação especificamente Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (1986) relata que, analisando-se amplamente os jogos populares, nota-se o potencial que possuem em termos de "desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, social e moral" (p.4) com a ressalva do professor ser um educador e não massificador de conhecimentos. LEAL(s/d), na sua experiência prática, observou, particularmente na criança favelada, que através da brincadeira "articula todo o seu universo, os seus desejos, a sua sexualidade, o seu desespero, a vida e a morte em brincadeiras coletivas"p.11.

Neste ponto do trabalho procurar-se-a levantar algumas características peculiares das classes populares,ver as influências dessas na alfabetização e o papel da educação física.

CARVALHO (1989) fala a respeito da população de baixa renda que não tem contato frequente com lápis, papel, revistas,como é o caso das crianças de classes dominantes, mas que, por outro lado,conhecem muitos "folgedos na rua, nas traseiras dos ônibus... uma aprendizagem através do trabalho buscando água na cabeça, a trouxa de roupa..."(p.19).

O que fica claro é que essas crianças tem constantes aprendizagens na vida que parecem estar distantes da escola, mas que no fundo falta apenas uma ponte de ligação que será discutida posteriormente.

NIDELCOFF (1978) e TAVEIRA (1986) falam de coisas semelhantes sobre o saber das classes populares:

- O saber todo ligado a ação, experiência e sobrevivência.
- A manifestação direta, sincera, espontânea das pessoas.
- Apresentam um espírito solidário pela necessidade que tem uns dos outros.
- Valorizam as pessoas.

Diante deste quadro, MEYER (1985) num estudo sobre "populações-sócio-culturalmente-desfavorecidas" constata que é através do corpo e dos movimentos que se faz a ligação com a "representação mental das formas gráficas" (p.132). A autora considera, neste caso, o corpo sob três aspectos:

- a) "o corpo como "portador" de "significante"
- b) "o corpo enquanto "gerador" de "significante"
- c) "o corpo como "decifrador" de "significante"(p.137).

O significante, no caso, é algo que tem um sentido.

No item "a" procura mostrar que através de suas danças, rituais, os alunos estão "escrevendo com os segmentos corporais no espaço" (p.139) e que o sentido é claramente entendido sem usar a linguagem oral. Neste sentido, nas aulas de educação física, o professor pode trabalhar com estórias contadas pelas crianças através de mímicas, representação de animais, acontecimentos da vida cotidiana do bairro, entre outras coisas.

No item "b" a autora enfatiza o papel do corpo como um meio para a "passagem da "ação" a "representação", ou seja, a passagem da ação vivida corporalmente a ação vivida mentalmente que será acompanhada por sua tradução gráfica" (p.139). MEYER (1985) propõem, então, o trabalho do corpo através do esquema corporal, espacial e temporal. Em termos do trabalho com o esquema corporal, justifica-se a sua necessidade enquanto "suporte psicomotor complementar à representação mental da imagem visográfica construída "(p.140).

Em termos espaciais e temporais o aluno deve "deslocar e orientar o seu corpo em relação aos objetos e ao meio ambiente"(p.140), adquirindo noções de direita e esquerda, antes e depois, influenciando diretamente na escrita. Nesse sentido, brincadeiras trazidas pelas crianças para a escola podem, sofrendo pequenas modificações (limitação de espaço, determinação do lado do corpo ou objetos que devem ser utilizados e outros) dar essa noções de forma simples e prazerosa.

Em última instância, o corpo como "decifrador de "significante" será um meio para analisar os "estímulos gráficos através dos movimentos"(p.140). A sugestão é o "tato" justificando que este "torna-se, para estas populações, o suporte até mesmo a condição , para a criação da representação mental, que por sua vez, permite a passagem do grafismo percebido ao grafismo reproduzido" .(p. 14) As atividades utilizadas neste sentido, nas aulas de educação física, podem ser inúmeras como a conhecida "cobra cega" identificação de objetos pelas mãos, a descoberta do parceiro "ensacado" e outras.

Portanto, para crianças, particularmente de classes populares, o corpo certamente é o caminho para se introduzir a língua escrita, e a educação física é a disciplina que mais "mexe com o corpo", podendo dar uma contribuição riquíssima. Porém, apesar da ênfase deste tópico estar relacionada com a utilização de jogos populares nas aulas de educação física, para crianças em fase de alfabetização, não está se deixando de considerar os benefícios que estas mesmas atividades podem oferecer nos aspectos sócio-afetivo-motor como a convivência em grupo, criação de e discussão de regras, o respeito, cooperação, o lado afetivo e emocional que estão sempre presentes nos jogos pelo contato, raiva, o choro, a alegria e o desenvolvimento, aprimoramento de capacidades físicas e habilidades motoras, consciência corporal, consciência dos objetos, das pessoas e do mundo.

II - CONCLUSÃO

A educação física nas escolas públicas do Estado de São Paulo está concluindo seu terceiro ano para crianças em fase de alfabetização (primeiro e segundo ano do primeiro grau ou ciclo básico). Com isso o professor de educação física destas escolas deparou com uma série de situações novas, dentre elas: faixa etária diferente daquela com a qual estava acostumado a trabalhar, muita vontade de brincar por parte das crianças e inexperiência do professor em termos do que fazer, (já que na escola pública estadual a educação física se iniciava a partir da quinta série do primeiro grau) muitas crianças juntas expressando seus problemas relacionados a classe que pertencem e outros.

Este trabalho procurou, inicialmente dentro de uma visão geral e mais adiante voltando especificamente para as aulas de educação físicas, entender um pouco dessa problemática e buscar caminhos para possíveis soluções.

No âmbito geral, buscou-se relacionar a escola e a educação física no contexto sócio-político-educacional, ou seja, perceber que algumas situações enfrentadas pelos professores não tem seu

berço na escola especificamente, mas que já vem da própria configuração da sociedade, pela diferença de classes e dominação de uma sobre a outra.

Por outro lado, a escola e a educação física, ao mesmo tempo que refletem esse contexto podem também ajudar a modificá-lo, tanto através de mudanças de atitudes por parte dos professores (NIDELCOFF, 1978) como através do engajamento em lutas maiores envolvendo outros setores da sociedade. E como diz GADOTTI (citado in OLIVEIRA, et alli, 1988) educação e transformação estão intimamente ligados não ocorrendo um sem o outro.

Num segundo momento do trabalho buscou-se, através de algumas pesquisas, analisar a formação do profissional de educação física, comparando o que seria "ideal" com o "real" (atuante na prática). As principais conclusões foram:

- A falta de momentos na graduação de reflexão, análise e síntese dificulta a atuação do profissional na detecção, reflexão e solução de problemas que surgem, levando-o a reproduzir simplesmente um conteúdo aprendido anteriormente sem considerar as características próprias do local (CARMO in OLIVEIRA et alli, 1988).
- Professores de educação física do primeiro grau (incluídos na pesquisa citada) já têm idéia do que seja uma proposta sob "perspectiva de transformação" mas na sua atuação diária demonstram uma "perspectiva de reprodução" ao excluírem os "menos dotados", uniformizando o conhecimento sem considerarem as diferenças culturais e outros (FERREIRA, 1984).

- Após detecção do perfil ideal do profissional de educação física (MUNARO, 1985) a mesma autora compara com o perfil real (1986) e através de um método específico conclui, entre outras, que há diferenças marcantes entre o "ideal" e "real" na formação pedagógica, política e na produção de pesquisas. A partir dessas conclusões procurou-se discutir uma proposta de educação física para o ciclo básico nas escolas públicas com perspectivas transformadoras, procurando adequá-las as condições reais da escola e do aluno. Este item foi dividindo em quatro partes mais específicas. No primeiro item intitulado "pré conceito" discutiu-se a problemática de se rotular a criança de periferia como "incapaz" e isso gerar um processo de acomodação do profissional influenciado pela visão da classe dominante, não buscando soluções através do conhecimento de vida e cultura da criança. No item dois foi levantada a questão da indisciplina já que é uma queixa frequente dos professores. Observou-se, através da intervenção de MARCELLINO(1986) que a indisciplina surge a partir do desinteresse da criança pela atividade. Se fossem trabalhados jogos da cultura e interesses das crianças com a inclusão de "desafios" e novas aprendizagens, o aparecimento da indisciplina provavelmente diminuiria.

Numa última parte, após o levantamento de algumas questões relacionadas a cultura das classes populares e o resgate de características peculiares a elas, partiu-se especificamente para considerações baseadas em MEYER (1985) sobre a importância do corpo em movimento para as populações sócio-culturalmente-desfavorecidas em fase de alfabetização. Levando-se em conta o

corpo como "portador", "gerador" e "decifrador" de "significante" MEYER (1985) sugere atividades ligadas a cultura da criança que envolvam movimentos (e aí entra a educação física) influenciando diretamente na alfabetização.

Portanto, o espaço para a educação física no ciclo básico já foi conquistado e é importante se buscar formas de melhorias da atuação do profissional nessa área para que, entre outros fatores, se conheça a influência positiva da educação física. O profissional, apesar de todas as dificuldades do dia-a-dia não deve se acomodar num problema, usando-o como justificativa do insucesso mas buscar conhecimentos através de pesquisas, de grupos de estudos, leitura, cursos, na tentativa de superá-lo

IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: MORAIS, Regis. (org.) Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.
- CARMO, Apolonio Abadio. Educação física: competência, técnica, e consciência política em busca de um movimento simétrico: Uberlândia, UFU, 1985.
- CARVALHO, Maria A. Duarte. A escrita da criança da classe popular. Revista AMAE educando, n. 202, p.18-19, abril, 1989.
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física, Campinas: Scipione, 1989.
- FREITAS, Barbara. Política social e educação. In: Em aberto Brasília: ano 4, n.27, julho/set., 1985.

FREITAS, Francisco. Educação contra quem? In OLIVEIRA, V.M., (org.), Fundamentos em educação física 2, Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.

FERREIRA, Vera Lucia. Prática de educação física no primeiro grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação. São Paulo: Ibrasa, 1984.

GOMES, Maria Isabel. Reflexões esportiva x inflexões pedagógica In: OLIVEIRA, V. M. (org.) Fundamentos Pedagógicos em educação física 2. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, Secretaria de Estado da Educação; Coordenadoria de Normas Pedagógicas. Proposta curricular de educação física 10o grau. 2ed. São Paulo: 1986

LEAL, Antonio. Fala Maria favela: uma experiencia criativa em alfabetização. 8ed. Rio de Janeiro: Kizumba, s/d.

MARCELLINO, N. Carvalho. Sala de aula como espaço para o "jogo do saber". In: MORAIS, R. (org.) Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.

MEYER, M. C. Contribuições na linguagem corporal e verbal na criação de um método neuropsicomotor de ensino de língua escrita para FSCD. Revista do corpo e da linguagem. Rio de Janeiro: v.3, n. 9, p. 131-142, mar. 1985.

MORAIS, Regis (org.) "Apresentação" Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.

MUNARO, C. Maria. Estudo descritivo do perfil do profissional de educação física para o ensino de 10o e 20o graus. Revista Kinesis, Santa Maria: v.1, n.1, jan-jul, 1985.

_____. Reflexão e análise crítica sobre a proposta do perfil ideal e real do profissional de educação física. Revista Kinesis, Santa Maria: v.2, n.1, jan-jul, 1985.

NIDELCOFF, M. Teresa. Uma escola para o povo. São Paulo: Brasiliense, 1978.

NOVASKI, A. J. Crema. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. In MORAIS, R. (org.) Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.

OLIVEIRA, J. G. Mariz et alli. Educação física e o ensino no 10o grau: uma abordagem crítica. São Paulo: EDUSP, 1988.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo básico em jornada única: uma nova concepção do trabalho pedagógico. São Paulo, FDE, 1988.

TAVEIRA, A. S. Nogueira. Sala de aula - o lugar da vida? In: MORAIS, R. (org.). Sala de aula: que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1986.